01-10-2021

MINTA-ME SUA VERDADE

Erick Zickwolff

[Mestre em Turismo pela UFF. Docente da Faetec-RJ.
Turismólogo da Prefeitura de Macaé/RJ]

Olá! Bem-vindo, fica à vontade... Olha, eu te chamei aqui porque preciso te contar uma coisa... Sem rodeios, sendo bem sincero, eu minto! É isso... Todos os dias, várias vezes por dia, aliás... Provavelmente mentirei durante essa nossa conversa, é mais forte que eu... "Eu"... Serei eu mesmo uma mentira? O que, ou quem, é esse eu que eu reconheço como sendo eu? O eu que nasci, há mais de três décadas, é o mesmo eu que agora te interpela?

Ou aquele eu, que já não sou, morreu? Quem sou eu, que agora vivo? Tudo que eu construo será para que eu possa aproveitar no futuro ou quem aproveitará, se futuro houver, será um outro eu que ainda nem sequer existe? Tantas perguntas existenciais. Tantas perguntas essenciais. Quanta inutilidade... Ou será que não?

Seja lá como for, além de te confessar que eu minto, e muito, você precisa saber que eu sei que você também mente muito, seja lá quem você for... Não, por favor, não me interessa saber nada de ti. Me perdoa, não é arrogância nem egocentrismo, é só falta de paciência, mesmo... Se não saber quem eu sou já me consome tanto tempo e esforço, não saber de ti me daria o dobro do trabalho. Dispenso! Quanto às mentiras, sejas sincero, não mintas, não fazes uso delas cotidianamente?

Ou toda vez que alguém, vestido feito um espantalho, te pergunta como a roupa assentou, respondes, "na lata", o quão ridículo ele está? Quando um amigo te convida para um programa do qual não tens o mínimo interesse em participar, sinceramente dizes a ele o quão insuportável acha o evento, ou simplesmente inventas uma desculpa esfarrapada para não teres que ir? Quando teu filho pergunta sobre a avó dele, cujo corpo jaz em uma tumba fétida, em estado avançado de putrefação, detalhas a ele o banquete dos vermes ou falas de céus e paraísos? Dás a ele, no Natal, o presente vindo de Papai Noel? E quanto aos que batem à tua porta em hora inoportuna, ou ligam insistentemente para o teu smartphone oferecendo serviços e produtos que, no máximo, só te trariam dor de cabeça? Nem uma mentirinha? Quando o famélico te estendia a mão, nunca retrucastes estar sem trocados, mesmo tendo o bolso cheio? Quando te enches de doces, de álcool, de ansiolíticos, de sonhos, e dizes a ti mesmo "ah, uma vez só não faz mal", não estás te mentindo?

E quando "esqueces" de devolver o livro emprestado, ou quando "acidentalmente" furas uma fila, quando "distraidamente" embolsas o troco dado a mais pelo aparvalhado trocador do ônibus, ou quando "conscientemente" votas no "salvador da pátria", e quando "justificadamente" buscas o prazer que não te dão em casa, nos braços de outra pessoa qualquer, quando "hipocondriacamente" transformas um resfriado em pneumonia para não precisar ir trabalhar, ou quando oras "fervorosamente" para um deus onipresente, ubíquo, capaz de não estar em todo lugar e de estar em lugar nenhum ao mesmo tempo?

Fraude, engano, omissão, fuxico, invencionice, eufemismo, falsidade, inverdade, lorota, fabulação – trocando em miúdos – mentira... Quem não?

Quem nunca? Pois é, eu sabia que irias concordar comigo. Não há vida fora da mentira. Há diversas categorias de mentiras. Algumas "boas", outras "vis", mas todas, de uma maneira ou de outra, simplesmente mentiras. Viver, então, é mentir e aceitar que te mintam, torcendo para que apenas as mentiras "suaves" e "inocentes" te sejam dirigidas. Viver no Brasil é ter a certeza absoluta de que tal jamais acontecerá.

É uma impossibilidade. Os bastiões da justiça brasileira se escoram na mentira. Os poderosos, em todas as esferas, não apenas a veneram, como deidades, mas a tratam como semente que deve ser lançada, às mancheias, no solo da ingenuidade dos que se supõem democraticamente representados em suas mais vitais demandas. Necessitamos da mentira. Precisamos que nos mintam. Não poderia haver vida em sociedade de outra forma. A mentira é inerente. A mentira é intrínseca. A mentira é imanente. A mentira é indispensável. A mentira é vital. Eu minto. Tu mentes. Ele mente. Nós mentimos. Vós mentis. Eles mentem. E se algum chato aparece por aí, bradando aos quatro ventos a importância da "verdade", encabeçando uma cruzada contra a mentira, ousando importunar o estado das coisas como elas são, esse é o verdadeiro louco da história. Completamente fora do juízo. Hipócrita. Moralista de botequim. Doidivanas. Afinal, digas, que é "A Verdade"? Sabes que, sem uma boa mentira, não há como responderes... Bem, no final das contas, não acho nada disso ruim... Principalmente, porque vivemos uma vida sem nenhum sentido preestabelecido, e necessitamos construir algum para podermos seguir em frente. Para mim, portanto, a beleza da vida reside, justamente, no fato de sermos livres para escolhermos em qual mentira queremos acreditar...

▪▪▪

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.